

# Vítima dos BA's testemunha em Oslo

15/57

por Hilário Matusse, enviado especial

O professor primário moçambicano, Joaquim Mapinda, que em 1982 sofreu mutilações dos bandidos armados, na província de Sofala, na região central de Moçambique, testemunhou as atrocidades cometidas em Moçambique, pelos agentes da África do Sul, num seminário que está a decorrer na capital norueguesa, desde segunda-feira última.

Ele disse perante a sua audiência, que no dia 30 de Junho de 1982, no distrito do Búzi, em Sofala, foi atacado pelos bandidos armados na escola onde leccionava, tendo lhe sido decepadas as orelhas e o nariz, com um canivete.

O seminário, subordinado. «A situação em Moçambique», contou, no seu primeiro dia, com a presença do Ministro norueguês dos Negócios Estrangeiros, Thorwald Stoltenberg.

Acrescentou ter sido abandonado com sangue a escorrer e com as mãos e os pés atados, vindo a perder os sentidos sem que lograsse qualquer assistência, dado que a população da sua aldeia tinha sido toda rapada, incluindo a sua esposa. Após passar a noite no mato e depois de se libertar, por si próprio, das tiras de tecido roubado de uma loja assaltada na ocasião pelo mesmo grupo de bandidos, Mapinda viria à reencontrar a sua mulher no dia seguinte, uma vez que havia escapado dos raptos, contou. Só então, conforme disse, foi levado para um centro hospitalar do Búzi, a 30 quilómetros da sua aldeia, e daí para a Beira, capital de Sofala. Aí, explicou, encontrou um médico sueco que o tratou. Ainda hoje Mapinda desconhece o paradeiro de seis dos seus oito filhos menores, que se encontravam a viver com os avós, os pais de Mapinda, igualmente mortos num ataque dos bandidos armados a Nhamuchindu, Búzi.

Tudo isto emocionou os cerca de

duzentos participantes ao seminário, organizado pelo Conselho Norueguês para a África Austral (Fellesradet), que agrupa as organizações anti-apartheid», bastante activas nos últimos

tre os Estados da Linha da Frente, incisivamente. Lina Magaia respondeu que o problema do «apartheid» não se resolve com a confrontação directa de Moçambique ou de outro



Na imagem, o professor primário, Joaquim Mapinda, que em Oslo testemunhou as atrocidades praticadas pelos bandidos armados no nosso País. (Foto de Domingos Elias)

tempos aqui na Noruega. Serviu também e principalmente para testemunhar as exposições de Yossuf Adam e de Lina Magaia, que antecederam o depoimento de Mapinda, e em cujas intervenções forneceram dados estatísticos, factos e comentários sobre a agressão terrorista da África do Sul contra Moçambique.

Enquanto Yossuf Adam explicou e mostrou com mapas, números e passagens de duplicações diversas, moçambicanas e de outros países, os efeitos em Moçambique da política sul-africana de desestabilização, Lina Magaia respondeu as questões de quem é e que métodos usam os bandidos armados. A sua origem e características foram claramente expostas nas duas intervenções.

Dentre as questões postas para debate, especial atenção vai para a pergunta segundo a qual, por que não uma confrontação directa com a África do Sul e uma união de forças en-

país da Linha da Frente com a África do Sul. Ela sublinhou que se trata de um problema da humanidade e de todo o mundo, e que, por isso, exige o envolvimento e a acção de noruegueses, de americanos, de ingleses e de todo o mundo. A sua intervenção seria então bastante aplaudida. No entanto, foram referidas as operações conjuntas entre Moçambique, Zimbábwe e Tanzânia.

De referir a intervenção do académico John Saul, canadiano que se dedica ao estudo da situação na região em Moçambique, particularmente. Falando sobre os 13 anos da revolução em Moçambique, John Saul forneceu muitos elementos de reflexão, alguns bastante discutíveis e polémicos.

Como ele, falou Jeff Guy, ligado ao Instituto de História da Universidade de Trondheim, aqui na Noruega, sobre o tema: «o trabalho migratório e a economia sul-africana». Também, Elling Nial Tinneland, outro académico presente, expôs um pensamento sobre a estratégia do regime do «apartheid» na sub-região, intitulado: «o que a África do Sul quer na África Austral».

De referir que ao seminário acorrem antigos cooperantes em Moçambique e em outros países da língua oficial portuguesa, individualidades de alguma forma ligadas a Moçambique e à África, quer por inéncia profissional como académicos e outros intelectuais.

Na sua edição de segunda-feira, jornais como o «VG», considerado mais ou menos conservador, e o «Dagbladet» liberal, publicaram extensas entrevistas concedidas por Lina Magaia, Yossuf Adam e Mapinda, e trataram questões de Moçambique e da África Austral. O acontecimento em publicações com tendências diversas, só pode traduzir o interesse que se manifesta sobre Moçambique e o caso do professor Joaquim Mapinda tem despertado aqui na Noruega e cujo impacto rompeu já o silêncio e a vista grossa dos primeiros dias.

Mapinda regressou, domingo a Oslo, após visitar Trondheim, a 50 quilómetros da capital norueguesa, e Stordal.

Nestas duas cidades, onde permaneceu ao todo quatro dias, encontrou-se com estudantes e professores, estes últimos ligados a um movimento de solidariedade com África. Ele recebeu então bastantes ofertas em roupa e foi entrevistado pela Rádio de Stordal.

Depois do seminário, Joaquim Mapinda partirá com destino a Malme, Suécia, onde a 4 de Maio será internado a fim de ser submetido a uma operação plástica para reparar os defeitos causados pelos bandidos armados.